



CADERNOS SUBMIDIÁTICOS
descentro.org
**7 em busca
do Brasil profundo**

março, 2008



Em busca do Brasil profundo

As páginas seguintes são uma tentativa de levantar algumas questões que me parecem relevantes na busca do que pode ser uma identidade brasileira nos contextos de ativismo midiático e apropriação tecnológica dos dias de hoje. Na ausência de repertório teórico e método científico, vou lançar mão de uma ou outra analogia equivocada, jogar aqui e ali uma conclusão precipitada, contar histórias sob a minha perspectiva individual, e certamente ignorar outras pessoas que já pensaram de maneira muito mais correta este ou aquele aspecto. Aos inevitáveis descontentes, aviso de antemão: não percam seu tempo, pulem pro próximo artigo.

Mitoriginários

Pois foi que um dia a gente toda se encontrou, e perceberam que eram mais que 11. Eram até mais do que 33. E falaram 1s pra outrxs: "sou teu parente! vamo pra festa?" E daí em diante resolveram se re-encontrar pra sempre.

Uma busca coletiva e aprofundada vem acontecendo nos últimos anos, e não parece ter um ponto de chegada. De fato, uma das conclusões possíveis é justamente que chegar a conclusões não é um de nossos objetivos. Desde o início do milênio, pessoas de todo o Brasil vêm atuando em espaços simbólicos coletivos, *tentativando* ações cujos objetivos específicos são menos importantes do que um certo direcionamento geral, que pode ser interpretado de diversas formas - busca de identidade, fuga, desistência, incompetência, entrega, ritual.

Existem, claro, um monte de outras narrativas possíveis, mas a minha versão de hoje dessa história começa com um primeiro momento de agrupamento, reconhecimento e conexão em março de 2003 - o festival Mídia Tática Brasil, no meio do meio de São Paulo. Houve antecedentes - o prov0s em Belo Horizonte, o MetaEvento e a primeira edição do Emoção Art.Ficial também em São Paulo, entre outros - mas em termos de escala e significado o MTB foi um momento de transformação de consciências. Os



tempos eram de grande expectativa: a internet estava começando a chegar às periferias, o software livre se mostrava cada vez mais uma alternativa viável até para pessoas que não falavam código binário, Gilberto Gil era ministro da cultura (e convidado para um debate). Foram mais de duas dezenas de grupos, e algumas fontes estimam em milhares o número de visitantes. O MTB abriu contatos, hospedou festas, até discussão com repórter da Globo rolou - e dessa vez a gente também tinha câmeras. Durante o festival, o clima era de reconhecimento. Eu não cansava de me espantar em ver que tinha tanta gente interessada em conversas que até então eu não conseguia articular com mais do que duas ou três pessoas. Claro, houve problemas de organização, de estrutura, de horários, do site que nunca entrou no ar (eu tapei o buraco com um blog configurado em um par de horas no primeiro dia do festival), da conexão que não era tudo o que a gente esperava. Mas aquela reunião de gente foi importante, como primeiro momento de intercâmbio entre as diferentes redes.

Uma crítica recorrente em relação ao MTB é que a influência européia trouxe o uso de uma linguagem engajada e proto-revolucionária, mas o festival se concentrou na Avenida Paulista, com pouco interesse na realidade brasileira para além dos "coletivos independentes" de classe média. E acho que uma das coisas interessantes é que essa perspectiva crítica foi bem compreendida nos eventos que se seguiram. Desde aquele primeiro momento em 2003, outros encontros vieram a tecer uma rede que ainda hoje não entendeu muito bem a que veio, mas tem descoberto coisas interessantes no caminho. Traçar essa genealogia é também, de alguma forma, contar sobre as buscas pessoais de algumas dessas pessoas.

Mais para o fim de 2003, alguns participantes do MTB foram convidados a falar sobre o Brasil no festival Next 5 Minutes, em Amsterdam. Eu estava nesse grupo. Seguindo algumas discussões na lista do projeto Metá:Fora durante as semanas que antecederam o evento, aproveitei meu espaço para falar sobre a cultura brasileira como uma *cultura hacker*. Hacker no bom sentido, toda aquela carga de produção colaborativa, de a informação ser livre, e também avançando na idéia de cultura do remix, das redes, da adaptabilidade. Alguns dos exemplos que eu usei pra ilustrar a afirmação foram a Umbanda (policêntrica, adaptada a cada localidade, sem um dogma



ou autoridade fixas), a Antropofagia e a Tropicália, e os camelôs e o comércio de rua. Outros exemplos que correram as mensagens na lista eram a feijoada, o trabalho colaborativo na escola de samba, o mutirão pra pintar as paredes de casa, e por aí vai. Em Amsterdam, durante o N5M, a entrada do lugar onde acontecia o festival também era o cenário pra uma intervenção em que Ricardo Ruiz e Tatiana Wells montavam uma banquinha de camelô com produtos brasileiros. Boas conversas surgiram ali, e o nosso papel ali de curiosidades encontradas no meio da américa do sul, de gente que vivia no meio da selva com macacos e bananas, e olhem que bonito, também falamos mídia, foi assunto pra discussões das quais me lembro até hoje.

Também naquela época, integrantes de alguns dos grupos que se conheceram no MTB começaram a conversar sobre um projeto a ser realizado em São Paulo, os Autolabs. A intenção era propor, junto a um projeto de protagonismo social para jovens de três bairros da zona leste da cidade, uma ação de "alfabetização midiática", que oferecia estrutura e "capacitação" em ferramentas de mídia - computadores com internet, rádio livre, fotografia e produção gráfica, organização de eventos. O projeto explicitava a busca de mobilização e inovação na relação entre centro e periferia. Esses dois termos, "centro" e "periferia", acabaram muitas vezes por pautar as relações, acirrando uma polarização que já beira o extremo por conta do reduzido nível de intercâmbio entre diferentes áreas da metacidade que é São Paulo. Relatando na lista nettime com o engenhoso título "The fine young cannibals... of Brazilian Tactical Media", David Garcia, um dos convidados de fora para o Finde Tático, evento de encerramento dos Autolabs, apontou como contraditório o fato de os debates terem sido realizados em lugares centrais, quando a intenção explícita de todo o projeto era escapar ao centro. De qualquer forma, os Autolabs foram uma primeira experiência cujos aprendizados e contradições se tornaram referência pra vários projetos que depois também tentariam atuar na encruzilhada entre poder público e ativismo. Daqui a pouco eu volto a esse assunto.

Ainda em 2004, foi realizada uma conferência com um nome esperto, a Digitofagia. Pela primeira vez aquela rede propunha não um festival, mas uma conferência de trabalho, com workshops e incentivando as pessoas a



colaborarem. A idéia de "digitofagia" é interessante (também quero retomá-la mais tarde nesse texto), mas gerou em muitas pessoas uma expectativa que não se cumpriu. Ainda havia uma polarização bastante forte: o MIS, no coração dos Jardins, o centro da ostentação paulistana com suas lojas de carros importados e mansões, junto com toda aquela conversa subversiva, com convidados de movimentos sociais bastante representativos... alguma coisa não descia bem. Teve pontos altos, teve muita conversa boa e troca, mas de mais de uma pessoa eu ouvi que "podia ter sido mais". Mas de alguma forma já não mais se replicava o modelo europeu de conferência com debatedores e audiência: muitas vezes o debate se dava em volta de um amplificador de guitarra, com um microfone bailando nas mãos de qualquer pessoa interessada em participar. Estávamos em busca de alguma coisa.

Se hay gobierno, soy... o quê?

E o bazar tinha tanta gente que o rei decidiu circular por ali para fazer suas compras. O rei não mandava em nada, mas a tradição dizia que ele era perfeccionista. Naquele dia o bazar ficou tão limpinho e organizado que parecia uma catedral. Cadê a banca de pastel de querosene? Cadê meu caldo de cana? O camelódromo virou Daslu, e o rei morreu de fome.

Naquela época, se havia formado um cenário complexo: depois de algumas décadas de ditadura, uns anos de confusão e oito anos de tucanismo, a esquerda havia chegado a Brasília. E tinha uma série de posicionamentos conceituais, bandeiras históricas, opções pelo coletivo, pela solidariedade, pela autonomia, pela valorização das culturas locais. Mas não tinha equipe suficiente para desenvolver os projetos que levariam adiante essa orientação política. Não parecia haver outra opção senão o que acabou se passando: parte do ativismo foi co-optado. Os mais ingênuos (não me excludo desse tipo) acreditavam que estavam "hackeando o governo". De fato, um grande nível de experimentação, não só técnica como social e política, foi possível durante algum tempo, driblando os caminhos tradicionais da burocracia. Mas, e não foi por falta de aviso de aliados mais experientes, uma hora a realidade chegou. Governo é governo. Deveria se preocupar com políticas públicas. Experimentação é interessante, e em muitos casos é justo que seja em maior ou menor escala bancada pelo poder público. Mas essas pessoas



terem entrado na onda de "trabalhar para o governo" pode ter atrasado em alguns anos o desenvolvimento de mecanismos públicos - abertos, com tomada de decisões seguindo com critérios claros, prestação de contas visível a todos os possíveis interessados. Não acho que poderia ter sido de outra forma - "hackear o governo" era uma alternativa possível frente à imobilidade geral das coisas há alguns anos, e um grupo de pessoas resolveu agir. Mas talvez agora esteja na hora de retomar o debate: como fazer para estimular inovação social, política e tecnológica fora da estrutura asfíxiada dos *canais competentes*? Como apoiar o estabelecimento de estruturas autônomas de pesquisa e desenvolvimento, sem cair no usual campeonato de burocracia, em que ganham aquelas organizações mais conformadas ao funcionamento (e às estruturas de poder) do terceiro setor, do mundo acadêmico, da política de editais e tudo mais?

Voltando então a um pouco de historinha sobre o começo dessa coisa toda.

Eu lembro da oficina de inclusão digital organizada por um governo federal ainda recém-empossado em 2003, em Brasília: começavam a falar de software livre, e aquele monte de fornecedores de tecnologia falando que entendiam do assunto, mas nem sabiam direito do que se tratava. Tinha gente dizendo que software livre era só pro terminal burro, mas no servidor o único caminho era windows. Os ongueiros de sempre sugerindo maneiras de *publicizar* suas ações, e a gente falando em ambientes colaborativos, pra fazer o pessoal *trocar idéia* sobre essa onda toda de tecnologia e ação social. No fim, ao longo dos anos, venceu a diversidade e a abertura, mas a gente matou no peito algumas tentativas de rasteira, do tipo: "essa idéia de MetaReciclagem é legal, mas por que vocês não vão pra cidades pequenas? *Já tem muita gente trabalhando com inclusão digital em cidades grandes*". Sei. Levou medo, né filhão? Preocupa não, que não quero sentar no teu trono. Ele fede.

De qualquer forma, aquela oficina tornou possíveis um monte de coisas. Hernani Dimantas e Dalton Martins começaram a articular com o pessoal de Santo André o que viria a ser o Parque Escola, cujo papel até hoje não foi bem analisado. Isso e mais um monte de conexões começaram naquela oficina, e nos anos seguintes o Brasil fez barulho no mundo com a opção



(mais simbólica do que concreta, está certo) pelo software livre. No fim de 2004, Gilberto Gil foi parar na capa da Wired, falando sobre creative commons, software livre e os tais dos pontos de cultura. Nem vou contar aqui de como, antes dos Pontos de Cultura, antes das BACs, no meio da sopa de idéias que foi o grupo Articuladores, "a galera da MetaReciclagem" e alguns outros aliados tiveram que brigar repetidamente pra que o projeto em desenvolvimento adotasse o software livre como posicionamento estratégico e solução técnica abrangente. Um monte de vezes eu ouvi, da boca de ativistas da mídia tática: "não dá pra gravar som com software livre. Vídeo, então, nem pensar. E PC, PC não serve pra isso, tem que comprar uns MACs, a gente descola umas licenças educacionais, e tá tudo certo". Também não conto que um tempo depois, numa reunião de planejamento do Sinapse Digital, um evento na USP que foi menos paulista que eu esperava (e isso é um elogio, se não ficou claro), foi um MetaRecicleiro que falou antes de todo mundo que "chega de palestra de software livre, a gente tem é que falar de apropriação em outros níveis. migração é cenoura de burro.". Mas aí já se tinha formado o cenário dos medalhões, os arcebispos da *anti-catedral*. Acho que nem vou ir muito a fundo sobre isso.

Min-Que-Ria Tocar

E dentro do castelo de um descendente de reis negros, abriu-se espaço para um novo tipo de magia, uma tecnomagia, que era complexa mas ainda assim acessível a qualquer pessoa com a coragem e a humildade em desvelar seus mistérios. Em relação a isso e outras coisas foi que ouvi os sacerdotes do caminho das estrelas falarem: o tambor foi a primeira internet.

Deixando de lado o lento e penoso processo que nos levou lá pra dentro - 18 meses de trabalho não remunerado, crises de consciência e a perda de algumas amizades -, chegou um momento em que eu e mais algumas dezenas de pessoas nos encontrávamos de alguma forma dentro da estrutura governamental, mesmo que não totalmente incorporados pela burocracia. O projeto de Cultura Digital dentro dos Pontos de Cultura do MinC tinha sido desenvolvido colaborativamente, e chegava a hora da prática. Não havíamos tido tempo nem estrutura para levar a cabo o período de pesquisa que



havíamos planejado, não ia dar tempo de acertar as pontas da tecnologia, e ainda mais: as oficinas teriam que começar antes do equipamento chegar.

Na verdade, uma das primeiras ações, ainda antes de contratos e burocracias, foi o laboratório que ocupamos com outros grupos no acampamento da juventude do Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2005. Um ônibus saiu de Campinas com gente da Tainã, o Expresso 411 e um pessoal da Muda, passou em Sampa pra pegar mais gente. Em Curitiba se juntou com uma Caravana que vinha desde o Rio ou Espírito Santo com o pessoal do Media Sana. Rolou apresentação, show e conversas. Paramos de novo em Floripa ao amanhecer, descansamos algumas horas. À noite, mais apresentação, show e conversas. No terceiro dia, Porto Alegre, e aquela confusão pra encontrar espaço pro ônibus, montar o acampamento, segurar o telhado de plástico que queria voar com o vento. O laboratório era ocupado por vários grupos: o que viria a se tornar estúdiolivre, uns gatos pingados que usavam o nome MetaReciclagem, os "articuladores", media sana, Tainã, o CMI e acho que o projeto de memória do FSM. Rolou algum atrito, principalmente quando o Gil apareceu pra falar e até deu uma canja com o Expresso 411. Alguns ativistas mascarados questionavam sobre a ambigüidade de um governo que dizia defender a liberdade de expressão e a autonomia, mas por outro lado reprimia de maneira dura as rádios livres. Teve gente nervosa dos dois lados, eu me diverti com a cena. No fim dos cinco dias, computadores empoeirados por fora e por dentro, um monte de oficinas realizadas, e cada vez mais a certeza de que a idéia de realizar oficinas que despertavam o interesse e identificavam pessoas que poderiam se tornar replicadoras de conhecimento nas diferentes localidades era uma das maneiras de resolver o problema gigante que tínhamos em mãos: como "capacitar" pessoas em centenas de localidades diferentes em uma combinação de assuntos complexa como *produção multimídia* realizada com *software livre*, e contando com equipe e orçamento reduzidos?

Quando se realizou o primeiro evento já relacionado à implementação da ação de tecnologia dos pontos de cultura, o modelo que havia surgido nos Autolabs e testado novamente em Porto Alegre foi extrapolado: um ônibus saiu do sudeste, passou por Brasília e foi até Teresina, para realizar uma oficina com centenas de pessoas, que contou com a doação de 300 PCs e



oficinas de hardware, software livre, vídeo, produção de música, e mais um monte de coisas. A oficina foi realizada na sede piauiense do MHHOB, o Movimento do Hip Hop Organizado do Brasil. Eu estava mal de saúde e não pude ir, mas as produções de vídeo e música, os relatos, e a sensação de que aquele grupo de "capacitadores" tinha descido do pedestal da vanguarda da tecnologia livre, e também se mostrava disposto a colocar-se na posição de aprendiz, parecia um bom sinal. Daí pra frente, o projeto adotou uma estratégia de duas escalas de oficinas: oficinas regionais, pra disparar um processo de articulação de redes, despertar a curiosidade e identificar pessoas com potencial de replicação; e depois oficinas locais, que iriam a alguns pontos de cultura para tratar de questões mais específicas de técnica e de produção. Nos anos seguintes foram realizadas mais de três dezenas de oficinas em todo o país, bem documentadas no *Estudio Livre*.

DesCentro e Submidialogias

- Paulinho, a gente precisa de um barco!

- De jeito nenhum, amanhã vocês têm que estar aqui. Barco, de jeito nenhum!

Em 2004, dois projetos brasileiros foram selecionados para *competir* pelo apoio da plataforma Waag-Sarai, um intercâmbio entre entidades da Índia e da Holanda. Ao fim do processo de pesquisa, os dois projetos fugiram da competição. Apresentaram juntos suas conclusões, que refutavam a premissa inicial do intercâmbio (resumindo ao máximo: a chamada dizia: "desenvolvam um projeto de centro de mídia no Brasil", e as duas respostas, de forma diferente, diziam "não precisamos de um centro"). Saíram de lá sem receber o apoio prometido, mas com alguns prêmios de consolação: um projeto enviaria duas pessoas para uma residência de dois meses em Nova Delhi; o outro ficaria responsável por desenvolver um livro e uma conferência. A conferência foi chamada Submidialogia, e aconteceu no fim de outubro de 2005 em Campinas. Abaixo alguns trechos do relato que escrevi na época:

Um evento brasileiro dedicado ao ativismo midiático e suas variantes não poderia deixar de ter uma grande dose de improvisação, informalidade e ação coletiva. (...) Dentro de uma universidade, poderíamos fazer um evento



que buscasse a teoria que existe em toda prática, a prática que apóia toda teoria. Acabar com essa divisão imbecil que ainda perdura por aí entre o teórico e o praticante, entre o conceito e a ação.

(...) É muito satisfatório perceber que a colaboração em rede, a auto-gestão e a mutabilidade constante estão presentes, em maior ou menos intensidade, em todos esses grupos.

A submidialogia foi menos uma oportunidade de identificar novas redes do que de estreitar laços e aprofundar, ainda que muito aquém do necessário, o debate sobre a atuação delas. Algumas propostas de encaminhamento, entretanto, caíram no vazio. Talvez pela falta de um foco específico pré-definido, a conferência teve uma tal multiplicidade de atuações paralelas que nenhuma delas foi muito pra frente. A falta de compromisso com horários foi vergonhosamente além do que normalmente se espera nesse tipo de evento. A tentativa conceitual de abstrair todo tipo de hierarquia sobre as conversas também levou a uma desorganização e falta de objetividade muito grandes durante os painéis. Deixamos de ouvir opiniões valiosas por falta de planejamento, nesse sentido.

Como anotação posterior, é bom relatar que houve também criticismo pesado sobre o evento, principalmente por ter recebido um pequeno auxílio financeiro da OSI, ligada à fundação Soros (apesar de não ter havido nenhuma interferência destas na programação da conferência), e por ter uma suposta "agenda oculta" - a plataforma Waag-Sarai esperava que os brasileiros envolvidos chegassem por fim a uma proposta de intercâmbio e cooperação, que foi debatida durante a conferência. Era o embrião do que veio a ser o DesCentro.

No ano seguinte, realizamos a segunda edição da submidialogia, em Olinda. Trechos dos meus relatos sobre ela:

[sobre a apresentação geral da conferência] a maneira como a conversa começou foi um sucesso e se repetiu nos dias seguintes: em vez de entrar em uma das salas e chamar todo mundo que estava lá fora, ligar um microfone e pedir silêncio, fizemos o oposto: começamos a conversa no



quintal, entre duas, três, cinco pessoas, e organicamente uma conversa aberta rolou.

(...) A conversa sobre DesCentro, no fim da tarde, merece um relato em si. Comprovando a metodologia de conversas crescendo organicamente, surgiu de uma conversa de poucxs na escada, lá fora. A idéia inicial era apresentar em público o que queremos que seja o DesCentro. A conversa foi tomando corpo, e em algum tempo a escada parecia uma ágora, uma área de influência mútua. Levantaram-se algumas questões importantes, como representação, legitimidade, autonomia, sustentabilidade, replicação, institucionalização e mais. Essa conversa precisou ser moderada, mais pelo fato de que muita gente tinha bastante a dizer do que qualquer coisa. E a própria moderação era dinâmica: o papel de moderador dançou de um pra outro de acordo com o andar das conversas e do desempenho do próprio moderador. O único problema é que às vezes o moderador tinha que falar mais alto, o que afastou as meninas da moderação. Mas muitas opiniões foram ouvidas.

(...) E continuando na linha de rituais coletivos de transformação, alguém (não lembro de Juba, Jeff ou quem) sugeriu que fechássemos um circuito serial entre pessoas pra colocar os dedos na tomada, já transformada em 110v. Claro que a resistência somada de uma dúzia de pessoas não chega nem a dar choque, mas a experiência compartilhada de receio e superação foi significativa.

Submidialogia 2 foi quando a gente abandonou o modelão debate vs. auditório e assumiu a pegada festa tribal na escada, debates espontâneos e a democracia de quem grita mais alto. Também seguiu a tendência de ser um evento interno, que parecia ter mais a função de construir uma identidade de rede do que mostrar alguma coisa para o mundo. Um ritual tribal periódico, a remitificação, a oficina de choque elétrico.

Eu não pude participar da terceira edição da Submidialogia, realizada em Lençóis em 2007. Na verdade, eu organizei uma sessão remota por IRC, mas além disso só acompanhei à distância os relatos e fotos. Dessa vez tinha mais gente de fora do Brasil, e as conversas e atritos que surgiram ajudam a



levantar algumas questões. Uma aparente contradição que se explicitou é que as mesmas pessoas que defendem a eliminação das fronteiras por vezes acabam tendo um comportamento xenófobo. O "gringo" ainda é um bode expiatório útil no Brasil - podemos culpar as pessoas de fora pela nossa herança desigual, pela exploração, pela pobreza. E isso pra não mencionar que a própria idéia de cultura brasileira é em grande parte uma criação do oligopólio das comunicações eletrônicas, aquele mundo em que se define diversidade cultural como desvio do sotaque carioca. São questões a pensar em nossas ações. Em paralelo, o fato de a conferência ter se realizado ainda mais longe dos centros urbanos é simbólico, e reincide em uma busca de um Brasil profundo em grande medida imaginário, mas coerente com as etapas anteriores dessa história. Ainda aguardo outros relatos da Submidialogia em Lençóis pra entender mais sobre esse momento.

////////// INTERSTÍCIO //////////

A idéia até aqui era tentar traçar uma linha narrativa e algum tipo de genealogia entre os eventos que começaram um pouco antes do MTB e culminaram com a terceira edição da Submidialogia. Eu quero acreditar que existem muitos paralelos entre essa movimentação, em que um festival no coração hiperbólico de São Paulo foi gerar quase cinco anos depois uma conferência com um debate dentro de cachoeira no interior da Bahia; os projetos que foram realizados nesse meio-tempo, que saíram do mundo da arte e do ativismo de classe média pra flertar com o terceiro setor e políticas públicas e até hoje não conseguiram encontrar muito bem seu espaço de articulação na sociedade; e as buscas individuais das pessoas envolvidas. Se eu fosse um pesquisador sério, tentaria ir um pouco mais a fundo nessa história toda. Mas deixar no ar é uma arte, e eu resolvi mudar de caminho.

////////// TCHARAM //////////



É nós no pendraive, ou o banquete digitofágico

Sete Senhas, patrono das mensagens instantâneas e redes sociais, por sete anos e mais sete anos e mais sete anos atravessa a Ponte da Amizade para buscar as tecnologias de comunicação para seu povo. Que seria da gente sem o Paraguai? Na terra sagrada, sempre existe alguém para se chegar em outro alguém. Sempre 1 elx para chegar em outros eus.

U-tererização. Todo mundo conhece a anedota, que "whoops... there it is!" na noite carioca virou "u-tererê!". Tentando voltar pra idéia de Brasil e tecnologia: *utererizar* é tropicalizar, é antropofagizar. E aí, o Brasil tem aquela pegada social que é quase uma obsessão. Li há pouco alguns comentários sobre o artigo "Mobile technology appropriation in a distant mirror: baroque infiltration, creolization and cannibalism" (François Bar, Francis Pisani e Matthew Weber, <http://abaporu.wordpress.com/>), e os autores inserem a apropriação de tecnologias no Brasil, com foco em telefones celulares, no contexto da antropofagia como característica cultural. Estendendo um pouco, as pessoas que têm acesso à internet no Brasil ficam mais horas online do que qualquer outro povo do mundo. E aí tem aquelas histórias conhecidas. O fotolog.net regulou o cadastro de usuários com IP vindo do Brasil, porque o pessoal estava detonando o tráfego de rede nos servidores deles. Gente no mundo todo reclamou de brasileiros que entravam em qualquer comunidade do Orkut escrevendo em português, sem vergonha de invadir o pedaço. Em qualquer escritório, sala de informática, cybercafé ou telecentro pelo país afora nesse exato momento, a chance de que bem mais da metade das pessoas esteja acessando uma rede social e usando um mensageiro instantâneo são altas. Aquela classe média reaçã (que de média não tem nada, se a estatística for levada a sério) gosta de dizer que é assim porque "brasileiro não lê, não quer adquirir cultura" (que não se comente sobre a Caras no banheiro dessa classe média). A outra classe média, meio intelectual e meio de esquerda, gosta de dizer que é assim porque as pessoas não se envolvem no processo político e só perpetuam a alienação. O que eu acho, e há uns dias falei sobre isso no Transmediale, em Berlim, é que essa fixação social que a gente tem não é



um acaso, não é ignorância, e não é alienação. É um eco bastante claro de uma maneira diferente de se relacionar com o mundo, uma relação mediada não por afirmações, mas por redes sociais.

Redes e Gangues

No livro 11M, o espanhol David de Ugarte faz uma análise da cultura espanhola criticando o fato de que não existem redes sociais, somente quadrilhas: pequenos grupos com poder repressivo mas sem uma identidade comum. Ele aponta esse fato como um dos elementos que dificultam a integração de imigrantes. Acho que não é um erro afirmar que no Brasil a integração é dos menores problemas (talvez excetuando-se São Paulo, mas todo mundo sabe que São Paulo não é o Brasil). Um amigo que está fazendo o mestrado na Holanda ficou consternado ao descobrir que na primeira semana de aula precisava escolher um grêmio estudantil, porque, segundo lhe disseram, se não estivesse em um grêmio, ele não faria amigos nunca - amigos são aqueles que se faz na faculdade, o resto são colegas. Pra um brasileiro é difícil entender isso. Fazer parte de múltiplas redes é grande parte da nossa identidade cultural. O Brasil é composto por diversas camadas sobrepostas de redes de pessoas. Todo mundo sabe que isso é mais importante que a lei, que o estado, que um ou outro princípio ético. Essa permeabilidade ética também é reconhecida como bastante brasileira. A primeira conversa que eu tive com um amigo indiano foi ouvir uma daquelas piadas que perguntam o que três políticos de diferentes nacionalidades fariam em não sei que situação. O que tinha o comportamento mais corrupto era, claro, o brasileiro.

Há uns meses eu li também um texto de Jamie King chamado "On the plane of the para-constituted: towards a grammar of gang power". O título do artigo já traz uma perspectiva interessante: ao invés de pensar só em termos de grupos pré-constituídos (como redes abertas e caóticas) e pós-constituídos (estruturas sociais já estruturadas), ele cita os para-constituídos, que se alheiam do processo geralmente aceito de corporificação social. Além de coletar uma série de referências interessantes para quem quer entender um pouco mais sobre organizações abertas, ele também insere a



imagem da gangue, que sempre sobrevive às diferentes estruturas de poder e se mantém em paralelo, para em seguida se perguntar "e se a gangue puder ser reabilitada como forma política?".

No auge da Cultura Digital dentro do Minc, Cláudio Prado costumava afirmar para interlocutores de países "desenvolvidos" que o Brasil tinha a resposta para o bloqueio inevitável que a consciência européia tinha desenvolvido com o fim do século XX. Essa resposta seria uma mistura de jeitinho, malandragem e a alegria "do Ronaldinho Gaúcho". Essa linha de pensamento é bastante fácil, e eu também admito ter ido por um caminho semelhante, um certo ufanismo do jeitinho. Mas essa perspectiva é limitada se não levar em conta o outro lado da informalidade: a incerteza, o aumento do custo social, e o desequilíbrio dos mecanismos da justiça em favor das pessoas que têm mais relacionamentos, que na maioria das vezes são as pessoas que têm mais recursos, e aqui não falo só da elite econômica tradicional, mas também dos comandos do crime, que já demonstraram mais de uma vez que são muito eficazes na apropriação de tecnologias. Falar em uma sociedade de gangues é interessante pra trazer à luz os diferentes ciclos em que a informação circula, mas se não existirem mecanismos de mediação, não vai passar de uma ditadura do mais forte. Como fazer para que a gangue, adolescente e festiva, não vire uma máfia violenta?

Cadê nosso Macunaíma?

Geert Lovink uma vez me perguntou: "na Índia tem toda a cena de Bollywood, e aí distribuir vídeos ativistas em VCD é uma coisa que funciona, porque eles conseguiram encontrar uma brecha em uma linguagem que é compreendida em todo o país. Qual seria uma linguagem que é compreendida em todo o Brasil? Penso que a música, ou algo assim". Eu não tive uma resposta clara. A música, sim, está em toda a parte no Brasil. Mas não sei se carrega um potencial de subversão assim tão grande. TV também, a TV chega em todo lugar. Mas não acho que as pessoas levem a TV tão a sério - à acusação de que a TV é o futebol engarrafado, o *ópio eletrônico do povo*, pão & circo da sociedade pós-missa, eu gostaria de responder que a ela parece mais aquela colherada extra de açúcar no doce:



não anestesia tanto assim, e até é consumida com uma certa dose de culpa complacente. O ópio de hoje é muito mais a publicidade, a busca da felicidade como consumo, que se confunde mas não é a TV em si. O ópio de hoje é o fato de que *em São Paulo Deus é uma nota de cem*, como cantam os Racionais.

Mas uma linguagem brasileira, compreensível em toda a parte, e que seja potencialmente subversível? Demorei um par de anos, e precisei conhecer um monte de gente e vivenciar algumas coisas pra entender que se existe alguma coisa assim no Brasil, a linguagem buscada é a *festa*. E não aquelas festas em que se fica sentado assistindo ao show lá na frente. Falo aqui das festas totais, transversais, sem fim nem começo, em eterna decomposição e reconfiguração. A festa como movimento, a peregrinação entre festas juninas, a gincana que mobiliza toda a cidade. Não só a música e a dança, mas o *jogo* como parte da festa.

E jogo é. Software livre é divertido porque é um jogo... posso ficar dias polindo a ferramenta, a ponto de esquecer por que uma vez quis usá-la. Um jogo sem fim, uma batalha não contra a máquina, mas contra meus próprios limites de compreensão, de conhecimento, de associação de idéias, uma batalha que na maioria das vezes se luta com o apoio de outras pessoas da rede, e muitas vezes acaba por atrasar o uso efetivo do software - o processo fica mais interessante que qualquer resultado efetivo. Transpondo de volta à estrutura de redes, isso pode levar a entraves. Não foram poucas as vezes que se criticou um certo bloqueio que os grupos brasileiro demonstram em finalizar suas idéias. Durante o Incommunicado, conferência em Amsterdam em 2005, tive uma boa discussão com uma ongueira africana que não aceitava que a MetaReciclagem fosse uma rede aberta: "você precisam se corporificar, criar uma instituição... só assim vocês vão poder influenciar as decisões do governo", e eu respondia "mas a gente já está influenciando o governo". Uma das definições mais satisfatórias da Metareciclagem a define como "um jogo coletivo cujo objetivo é definir o próprio objetivo". A própria idéia de estruturar o DesCentro se configurou como um jogo coletivo, uma tentativa de vencer as limitações impostas pela legislação que regula o terceiro setor. Eu acho que existe um ponto de tensão aí: uma dificuldade de adequação a mecanismos que sabemos que não são ideais.



Entender essa resistência a assumir "o lugar que nos cabe" no esquema das coisas da sociedade ocidental como um atraso ou imaturidade das redes é preconceito puro e simples. Mas a alternativa ainda não está clara. Há uns dias, respondi a mensagens da Drica Veloso e Fabs Balvedi na lista do Estudio Livre numa thread em que se questionava a dialética sem fim:

acho sim que (...) a gente parece estar esboçando um modelo diferente do que o tradicional "monte uma ONG, repita ao máximo o que deu certo, sugue dinheiro do poder público". mas a gente nunca chega a consolidar essas práticas, essas idéias em nada mais estruturado que um email numa lista (...). daí que acho que tem que analisar sob outra perspectiva... (...) existe algum jeito de não ser tudo processo, líquido, em eterno momento de quase-consolidação, a tal dialética que não acaba? ou vamos seguir aquela onda de nos comparar com instâncias mais conformadas que a gente no esquema das coisas e reclamar que "o brasil é o país do futuro... que nunca chega" ou qualquer merda parecida? adequação aos critérios alheios? sou mais retomar a idéia de "digitofagia".
mas cadê nosso macunaíma?

mais do que encontrar um jeito de tramar coletivamente que funcione nos nossos pequenos feudos, a gente tem coisas pra colaborar pra todo o mundo. brasil/orkut não é só sub-uso da máquina corporativa - é pautar os próximos passos de desenvolvimento. nomadismo, tribo e festa? tamo dentro.

Pois é. Cadê o nosso Macunaíma?

